

O MURRO NO ESTÔMAGO

por Mário Soares

O ataque feroz da Agência americana Moody's ao euro, por via de Portugal, constituiu, realmente, um murro no estômago. Sobretudo sentiram-no os partidários do neo-liberalismo, dado pensarem que o importante é emagrecer os Estados, até à exaustão. Uma vez que o que conta, para eles, são os mercados especulativos, sem regras nem ética, por criarem rapidamente lucros fáceis e mais riqueza, concentrando-a, sem qualquer sentido de justiça social, nas mãos de cada vez menos pessoas. As desigualdades sociais, a precariedade do trabalho e a miséria são as marcas da ideologia dominante.

No entanto, o ataque da Moody's era previsível para quem estivesse atento à evolução política dos tempos difíceis que estamos a viver. Note-se que hoje assistimos a uma "guerra" das moedas, para destruir o euro, que faz sombra ao dólar, o que os neo-liberais republicanos e mesmo alguns democratas, não suportam. Ora o desaparecimento do euro conduz, necessariamente, ao fim do projecto europeu e, concomitantemente, ao regresso dos nacionalismos egoístas - que afloram já em alguns Estados europeus - pondo em risco a solidariedade e porventura a paz. A análise do século passado - com a tragédia de duas grandes guerras mundiais - pode-nos trazer algumas luzes, sobre o risco que representará a destruição ou mesmo a simples decadência da União Europeia...

A China, que tem a sua própria agência de rating - como a União Europeia devia ter mas não tem - e o Governo dos Estados Unidos, que se fosse avaliado pela Mood'ys, com o mesmo critério, talvez estivesse pior do que Portugal, alertaram, há poucos dias, para a necessidade imperiosa de salvar o euro, sob pena de uma catástrofe mundial. Será suficiente para que a Europa acorde?

Em Portugal, o ataque criminoso - é a palavra - que nos foi feito pela Moody's, foi muito sentido pela maioria dos portugueses, independentemente das suas posições políticas e ideológicas. É verdade que atingiu não só o Estado Central, como as Autarquias, as Regiões Autónomas e mesmo, directamente, grandes empresas privadas e até os bancos.

Foi, aliás, confrangedor ver e ouvir, nas nossas televisões e rádios, alguns dos economistas e comentadores habituais, a expressar a sua indignação. Ainda bem que o fizeram e, finalmente, talvez tenham compreendido. Mas lembremo-nos que há poucas semanas diziam que a responsabilidade da crise era, essencialmente, do Governo de Sócrates e não da incapacidade política dos dirigentes europeus...

Isso, contudo, pertence ao passado. Estamos agora perante outro dilema grave: a austeridade imposta pela Troika não vai chegar, porque vai, necessariamente, fabricar cada vez mais desemprego, desigualdades e miséria. O Governo já pressentiu, julgo, a recessão inicial. Para quê, então, apertar mais o cinto aos portugueses? Cumpramos o que a Troika nos impôs e não mais do que isso. A saída só pode vir, como sabemos, da União Europeia. Se os seus dirigentes, tiveram a coragem de mudar de paradigma - como se impõe - e forem capazes de "salvar o euro", investindo, criando mais emprego e mais desenvolvimento nos Estados-membros, a par da austeridade financeira estritamente necessária.

É, aparentemente, fácil que a União Europeia o possa conseguir. Acabem com os "paraísos fiscais" e a chamada economia virtual; controlem os mercados especulativos; punam a corrupção; aceitem criar os Eurobonds; e, já agora, terminem com as Agências de rating privadas. O que nos levou à crise de 2008 - de que ainda não saímos - foi o negociismo sem freio. Os responsáveis, com raríssimas excepções, não foram punidos. Pior: alguns são talvez os mesmos que arrastam agora a União Europeia para o caos.

Se queremos subsistir, temos que mudar de paradigma, como propôs o Presidente Obama, em relação aos Estados Unidos. Mas é necessário que os verdadeiros europeístas, de todos os Estados-membros, se unam nesse combate cívico e político essencial pressionando os eurocratas de Bruxelas. Senão, não!

Lisboa, 14 de Julho de 2011